

Discurso e resistência: os efeitos de sentidos sobre a homofobia em *Quebrada Queer*

Discourse and resistance: the effects of sense about homophobia in Quebrada Queer

André Luís Tose Gomes¹

Élcio Aloisio Fragoso²

Resumo: O presente artigo, filiado ao aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de Pêcheux e Orlandi, propõe pensar os efeitos de sentido sobre a homofobia em *Quebrada Queer* - rap lançado pelo grupo de mesmo nome em 2018. Vale-se principalmente do conceito de Resistência, conforme as formulações teóricas de Pêcheux (1990), Orlandi (1998) e Lagazzi (2020) para analisar as relações entre resistência e homofobia, uma vez que o rap em questão se organiza e funciona como um discurso de resistência. No curso da análise, são movimentadas questões como homofobia e silenciamento para compreender as relações entre resistência e homofobia no discurso analisado. Tal análise considera, por fim, que a resistência é um processo complexo definido pela ideologia e pela história e que a música e o grupo são considerados como partes de um processo resistente, e, por isso, entende-se, a partir do que diz Pêcheux (1990), que as ideologias dominadas se formam *sob* a dominação ideológica e *contra* elas, e não em um "outro mundo", anterior, exterior ou independente.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Homofobia; Resistência; LGBTQIA+.

Abstract: In order to think the effects of sense about homophobia in *Quebrada Queer* – rap song released in 2018 by a rap group named as the song – this paper works with the theoretical-methodological apparatus of Pêcheux's and Orlandi's Discourse Analysis. It mainly uses the theoretical resistance concept presented in Pêcheux's (1990), Orlandi's (1998) and Lagazzi (2020) to analyze the intended relations, considering the rap song as a resistant discourse. The article addresses issues such as homophobia and silencing in order to understand the relations between resistance and homophobia and concludes that resistance is a complex process defined by ideology and history. It also considers that both, the rap song and the rap group, are part of a resistance process, which is only possible because it understands, based on Pêcheux (1990), that dominated ideologies are formed *underneath* ideological domination and *against* it, not on "another world", previous, external or independent.

Keywords: Discourse Analysis; Homophobia; Resistance; LGBTQIA+.

Como história e sujeito, quando se trata de linguagem, estão sempre em movimento, a resistência aparece, como dissemos, exatamente onde há censura. (Eni Orlandi)

¹ Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Fundação Universidade Federal de Rondônia. E-mail: andretosegomes@gmail.com.

² Doutor em Linguística (UNICAMP). Docente da Fundação Universidade Federal de Rondônia. E-mail: elciofragoso@unir.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6807-7851>.

Considerações iniciais: o movimento de escrita e análise

A Análise de Discurso, desde sua constituição, se estabelece numa posição de resistência. Em tempos de discursos autoritários e da desvalorização do conhecimento científico, resistir é necessário e urgente. Resistindo também há décadas está a periferia e a comunidade LGBTQIA+.

LGBTQIA+ é uma das siglas mais abrangentes para tratar da comunidade de pessoas que não se enquadram no padrão de gênero, sexualidade e identidade de gênero, isto é, nas formações discursivas e ideológicas dominantes em nossa formação social. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e Assexuais é o que o acrônimo representa, incluindo outras especificidades no símbolo de adição. Comumente, no Brasil, usa-se somente LGBT por questão de facilidade, de popularização e de políticas de invisibilização. Independentemente da sigla, o resultado é ainda um “termo guarda-chuva” que abriga tantas outras questões relacionadas a identidades e sexualidades que diferem dos padrões da cisgeneridade e da heterossexualidade. A população LGBTQIA+ é hostilizada desde que a heterossexualidade foi consolidada como a única expressão possível de sexualidade “saudável”, bem como o binarismo de gêneros passou a ser a “norma”. Desde então, em nível mundial, coube aos “anormais” a margem da sociedade, a periferia do sistema que os descaracteriza e os desumaniza. A luta, portanto, é parte inerente da vida destes excluídos e marginalizados. Resistir é preciso para se manter vivo, para se significar. Às minorias a luta pelo direito de existir e viver integrado na sociedade é antiga. Atualmente, essa luta está incrementada com demandas pela igualdade de direitos civis, o direito de se expressar e de expressar sua identidade, afetividade e sexualidade livremente.

A diferença que este trabalho procura produzir em relação aos estudos realizados acerca desta temática, já bastante pesquisada em outras áreas, reside justamente na perspectiva teórica adotada que, em linhas gerais, entende que esta problemática é uma questão histórica e ideológica e por isso a filiação à disciplina da Análise de Discurso é fundamental para o seu desenvolvimento.

Desse modo, a resistência, de nossa perspectiva, não é meramente uma questão de “opor-se a algo” (LAGAZZI, 2020). Nos trabalhos dessa autora, encontra-

se um esforço teórico de diferenciar resistir de “opor-se a algo”. A resistência é uma questão de linguagem, de sujeito (que pressupõe, segundo a formulação de Althusser (1985), o indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia). É dessa resistência histórica e simbólica que este trabalho tratará e não de um sentimento que germinou independentemente na consciência do indivíduo, isto é, não é se trata de uma “resistência voluntarista” (LAGAZZI, ONLINE, 2020).

Para compreender a resistência neste contexto é necessário considerar que a ela só existe a partir da relação entre processos de dominação, a partir de uma ideologia dominante e outra ideologia dominada. Pêcheux (1990) critica o modo de se conceber as ideologias dominadas, nos discursos revolucionários, concebidas como germes reprimidos e abafados pela ideologia dominante. E o autor questiona:

Conceber assim as ideologias dominadas não seria se expor a atribuir a cada grupo sócio-histórico “sua” ideologia, como um trás-mundo submetido *somente* a uma dominação externa, e cegar-se ante o fato de que toda dominação ideológica é antes de tudo uma dominação interna, quer dizer, uma dominação que se exerce primeiramente na organização interna das próprias ideologias dominadas? (PÊCHEUX, 1990, p. 16).

Ainda segundo Pêcheux, “as ideologias dominadas existem, e não são o puro reflexo da ideologia dominante. Por outro lado, o plural manifesta que elas não constituem tampouco o seu inverso simétrico” (1990, p. 23).

Por ser uma disciplina originada na fronteira, na margem de outros conhecimentos e enxergar a produção de sentidos de uma maneira tão complexa, a Análise de Discurso é bastante apropriada para trabalhar com o tema pretendido. O presente trabalho consiste na análise da música *Quebrada Queer*³, um rap composto pelo primeiro grupo LGBTQIA+ de rap do Brasil, Quebrada Queer⁴.

Inserida nesta formação de tensão fronteira da própria Análise de Discurso, o *corpus* é analisado levando em consideração a tensão envolvendo o rap e a homofobia. O rap, a voz da periferia que ganha espaço nas denúncias da

³ Música de grupo homônimo cujo clipe contava com mais de 3.800.000 visualizações no canal Rap Box no *Youtube* e quase 2.000.000 de reproduções no serviço de *stream* de músicas *Spotify* até o dia 08/10/2020.

⁴ Grupo LGBTQIA+ de rap formado por Murilo Zyess, Tchelo Gomez, Guigo, Apuke, Harlley e Lucas Boombeat. Enquanto na música apenas os homens cantam, Apuke é mulher e produtora, estando presente inclusive em outros vídeos do grupo.

desigualdade social e dos problemas sócio-políticos vividos por essa população marginalizada, portanto, uma minoria social. E a homofobia, uma realidade vivida pela comunidade LGBTQIA+, todavia, não limitada a ela que é denunciada na música em um movimento duplo: tanto o preconceito e a rejeição sofridos perante a sociedade geral, quanto pela comunidade do rap.

Embora pareça estranho, assim como o machismo não prejudica apenas as mulheres, a homofobia não é limitada a homossexuais. Além do fato de que homens heterossexuais podem sofrer agressões verbais ou físicas por não performarem certo tipo de masculinidade desde criança, existem casos de agressões físicas graves direcionadas a homens heterossexuais que são “confundidos” como homossexuais, o que por si só já revela uma característica muito frágil de como a homofobia é justificada. Borrillo aponta que “Nas sociedades profundamente marcadas pela dominação masculina, a homofobia organiza uma espécie de ‘vigilância do gênero’ pois a virilidade deve se estruturar não somente em função da negação do feminino, mas também da rejeição à homossexualidade” (2009, p. 22). A título de exemplificação, trazemos os casos de Jefferson Schiavone, homem heterossexual que em agosto de 2020 foi agredido em casa enquanto jantava com um amigo homossexual (GUIA GAY BRASÍLIA, 2020). Outro exemplo é o caso de pai e filho que foram agredidos por sete homens em julho de 2011 por andarem abraçados na rua. O pai teve parte da orelha decepada (SIMIONATO, 2011).

A Universidade, como a instituição que, na nossa formação social atual, é responsável pela manutenção da ciência na sociedade, tem, há algum tempo, discutido alguns aspectos das minorias por meio do aparato metodológico-acadêmico que lhe é devido. A realidade, porém, é que uma minoria da comunidade, especialmente a população representada pela letra T – travestis, transexuais e transgêneros – tem acesso à Universidade. O que resulta, sumariamente, em abordagens guiadas pelo olhar de alguém externo às realidades das minorias estudadas, tratando-as, comumente, como meros objetos de estudo, como números e estatísticas e não como sujeitos ativos e parte de uma sociedade complexa. Dessa forma, entende-se que os conceitos de sujeito, de ideologia, de discurso, de língua, de história, de resistência, entre outros, tais como são concebidos na disciplina da

Análise de Discurso possibilitam uma compreensão mais consequente sobre esta questão.

Importante apontar que *minorias* são compreendidas aqui não como um grupo numericamente menor, mas como pertencentes a um lugar diferente nas relações de poder, conforme aponta Orlandi (2016) enquanto dialoga com Sodré (2005):

“um dispositivo simbólico com uma intencionalidade  tico-política dentro da luta contra-hegem nica”, diz ele. Eu diria, em vez de intencionalidade, vetor material  tico-político, porque   uma força dinâmica, na dire o da transforma o e não   da ordem jurídico-social instituída. (ORLANDI, 2016, p. 24).

As minorias, portanto, se configuram por meio desse “dispositivo simbólico” e tanto na ordem social quanto na ordem do discurso se movimentam sempre muito próximos aos conceitos de transforma o e resistência.

Resistir  , portanto, um processo de ressignificar e de deslocar sentidos. Sobre resistência, Eni Orlandi diz que “   ela própria movimento do sujeito para uma posi o que não o submete inteiramente   coer o.   a prática de deslocamento desse sujeito em dire o a um lugar em que ele constrói um poder dizer” (1998, p. 17). Isto  , a resistência, pensada como parte do processo discursivo,   a tentativa de saída do espaço de coer o, a tentativa de ressignificar as falhas, o deslizamento. Resistir envolve sempre um outro tido como maior ou mais poderoso e o movimento do não se submeter completamente   coer o. Lembrando do que diz Pêcheux acerca da domina o: “não há domina o sem resistência” (PÊCHEUX, 1995, p. 304) podemos compreender a resistência como, de certa forma, já presente no interior das ideologias dominantes de forma que a presença da domina o, da opressão, preveja algum tipo de resistência a ela.

Sobre a Análise de Discurso

Para compreender as rela es entre resistência e homofobia no discurso do *corpus* selecionado, trabalharemos com a Análise de Discurso, com os conceitos desenvolvidos por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, especialmente com a ideologia, sujeito e resistência.

A Análise de Discurso (doravante AD), teoria desenvolvida por Michel Pêcheux na década de 1960, na França, constitui-se “no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise” (ORLANDI, 2009, p. 19). A AD vale-se de conhecimentos e conceitos dessas três áreas, ressignificando-os de modo a criar uma disciplina nova que não se trata de se fazer uma adição ingênua das três para desembocar em uma teoria do discurso. Costuma-se chamá-la de uma “área”, uma filiação da Linguística, o que é uma visão errônea, uma vez que a AD comporta-se de maneira bastante adversa da Linguística, considerando questões que esta deixou de lado ao priorizar os estudos da Língua e não da Fala (conforme a dicotomia saussuriana *Langue* e *Parole*), embora a ela não se destine ao estudo da Fala (e sim do discurso).

Michel Pêcheux foi um grande crítico das teorias científicas de sua época. Por conta disso, os conceitos das ciências humanas incorporados à teoria do discurso foram reterritorializados e ressignificados. A linguagem deixa de ser vista como um instrumento de comunicação; o sujeito deixa de ser visto como um indivíduo; a ideologia segue a perspectiva althusseriana que a vê como prática e não como processo velado de ocultação e o sentido não pode mais ser associado às condições de verdade (MARIANI, 1997, p. 34).

A AD desmembra-se da Linguística ao trabalhar não com a língua ou com a gramática, embora todas estas questões lhe interessem, mas com o discurso entendido como uma prática de linguagem em movimento, considerando tanto o linguístico, quanto o histórico que o compõem. A Linguística é uma das regiões de conhecimento que constitui o quadro teórico-metodológico e epistemológico da Análise de Discurso, entretanto, nesta perspectiva, a relação estabelecida entre a AD e a Linguística é de tensão, de contradição, e não de complementaridade, de empréstimo, de soma. Neste ponto reside a crítica de Pêcheux às ciências sociais, pois a AD, campo de conhecido novo que ele propunha, segundo Henry (1993): “não podia ser somente um instrumento a mais, acrescido a todo o conjunto existente dos instrumentos utilizados pelas ciências sociais, completando este conjunto para efetuar as tarefas que os outros instrumentos não preenchiam.” (HENRY, 1993, p. 18).

A língua, posta como sistema cheio de regras e determinações, é impassível de falha, de equívoco, enquanto o discurso abre espaço para tudo isso, a falha, a falta, o não-dito, o silenciamento, o esquecimento. O discurso é um objeto sócio-histórico perpassado por aspectos como a ideologia e o inconsciente. Ele “é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 17). A AD analisa como os sentidos se constituem nas suas relações com o simbólico, com o histórico. É o caráter material dos sentidos que interessa à AD. Isto significa dizer que os sentidos são determinados historicamente e a ideologia produz a evidência do sentido.

A ideologia e o sentido são pensados de maneira próxima justamente porque a AD considera a ideologia como “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2009, p. 46) e é o “mecanismo estruturante do processo de significação” (ORLANDI, 2009, p. 96).

Os movimentos de análise: *Quebrada* e *Queer*

Nesta seção, produziremos os movimentos de análise da música *Quebrada Queer* considerando os principais conceitos que temos comentado. Cada trecho da música é performada por cada um dos cinco componentes do grupo. Todavia, consideraremos a música pelo efeito de unidade derivado do caráter artístico da música por meio da qual as vozes se interligam produzindo tal “efeito-um”, não sendo necessário, portanto, especificar quem canta (ou compôs) cada trecho. Por ser um rap (*Rhythm and Poetry*, da Língua Inglesa, Ritmo e Poesia), rimas são muito importantes para a composição dos versos, entretanto, não é nosso objetivo de análise, visto não se tratar de uma análise estrutural ou literária. Ela pode ser considerada de grande extensão para o padrão comercial, possuindo quase 6 minutos de duração, enquanto trata de questões inerentes à realidade vivida por homens, gays, negros e periféricos, sem deixar de expandir seus comentários a outras populações da comunidade, especialmente a população transexual e travesti.

O rap enquanto discurso marginal possui características específicas das quais a resistência é parte fundamental. Colima e Cabezas (2017), com base em Alim (2009), apontam que

Desde o começo, o que tem caracterizado o rap – e a Cultura do Hip Hop da qual faz parte – é condição de marginalidade, pois surge a partir de um segmento social oprimido e segregado, que acarreta fortes estigmas sociais. Portanto, por estar inserido dentro de uma estrutura sócio-política desigual, e lutar contra as injustiças criadas por este sistema, o rap é uma forma de resistência orientada à “trans(formação) das realidades locais” e globais, através de “práticas linguísticas”. (ALIM, 2009, p. 11: nossa tradução)” (2017, p. 27-28).

Enquanto prática linguístico-discursiva, o rap pode ser entendido como um discurso de resistência, tanto por ser um discurso com forte teor político, quanto por se organizar linguisticamente de forma diferente do que se espera de um discurso político, ocupando espaços outros de significação. Conforme podemos entender a partir do enumerado de formas de resistência que Pêcheux (1990) apresenta:

não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Ser um discurso que se constitui com rimas por si só já causa/produz efeitos de sentido que valem a pena serem considerados. Quando se pensa em discurso de resistência é muito comum que se pense isso de uma forma bem articulada, marcada pela interlocução política se colocando num nível intelectual no qual o contrário é um elemento forte da argumentação. É comum assumir o resistir como um ato de dizer ou fazer o contrário, numa concepção binária maniqueísta. O uso de rimas compondo um discurso que é apontado aqui como discurso de resistência evoca sentidos de ruptura. Rimar são vistas pelo senso comum como inatas à poesia, que por sua vez é observada dentro de uma visão geralmente romantizada, normalmente tratando de amor e enaltecendo a beleza. Valer-se de rimas e versos para outros fins não é novidade e nem exclusividade do rap. As cantigas de escárnio e maldizer já o fizeram

há séculos. Todavia, essa forma aponta um deslocamento do discurso numa tensão entre o artístico e o político. A existência e a resistência.

Ritmo e Poesia dinamizam o dito/cantado tornando-o popular e acessível às massas. Facilita a memorização e promove maior democratização de acesso àqueles que não tem acesso à academia e ao conhecimento teórico-científico. O rap, ao se valer desses elementos, além de falar pelos que são frequentemente silenciados, é produzido pelas periferias, onde as universidades dificilmente chegam e os agentes que movimentam as políticas públicas muitas vezes escolhem não chegar.

Um ponto importante de análise talvez parta do próprio nome escolhido para a música e para o grupo. Quando lançaram a música/videoclipe ainda não haviam se denominado *Quebrada Queer*, este era apenas o nome da música. Adotar o nome da música como o nome do grupo se mostra bastante simbólico e significativo. Num primeiro momento, o nome causa estranheza a uma maioria provável da população. *Quebrada* todos conhecem, especialmente o público que normalmente escuta Rap, visto que usualmente o termo é usado como sinônimo de *periferia*. *Queer*, por outro lado, é um termo da Língua Inglesa que não é muito difundido na Língua Portuguesa entre as grandes massas.

O termo foi usado a partir do século XIX como insulto a homossexuais, com sentido próximo a *bizarro*, *estranho*, posteriormente foi ressignificado pela comunidade⁵ e a feminista italiana Teresa de Lauretis passou a usar o termo designando uma nova teoria, a “teoria *queer*”⁶. Figueiredo (2018), dialogando com Louro, aponta que

Guacira Lopes Louro afirma que o *queer* é o sujeito da sexualidade desviante que não deseja ser integrado, nem tolerado; “é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade do ‘entre-lugares’, do indecível” (FIGUEIREDO, 2018, p.43).

⁵ Algo semelhante, em termos de ressignificação de ofensas acontece em Língua Portuguesa nos casos de “viado” e “bicha”. Utilizados como termos pejorativos para designar homossexuais masculinos, foram ressignificados e tomados como parte do processo de tomada de narrativa LGBTQIA+.

⁶ Provavelmente, uma das mais conhecidas pesquisadoras a trabalharem com a teoria *queer* é Judith Butler. Neste trabalho, todavia, não nos atermos nos estudos da teoria *queer*. O objetivo do trabalho não é relacionar a AD à teoria *queer*, é analisar um discurso que tem “*queer*” como um termo importante a ser observado.

Figueiredo (2018) continua e conclui que *queer* tem, pelo menos, duas vertentes: uma diz respeito a uma atitude existencial do sujeito, outra diz respeito à teoria de ruptura. Acerca da primeira diz: “é uma atitude existencial que se reflete no comportamento transgressivo que não respeita a heteronormatividade” (FIGUEIREDO, 2018, p. 43).

Quebrada Queer, uma formação de enunciado híbrida entre a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa, valendo-se de termos que carregam sentidos que podem ser lidos como negativos, unificando em si uma tentativa de ressignificação. *Quebrada* evoca as vizinhanças periféricas e traz “quebra” no radical. *Queer*, um insulto ressignificado e que passa a nomear uma teoria que procura quebrar paradigmas e estruturas. O nome, portanto, traz dois elementos que remetem sentidos de ruptura, de não-padrão, marginalizado. O grupo se coloca numa posição em que reconhece e faz questão de se mostrar como algo fora do padrão do que normalmente se é consumido ou produzido. E a música, por ser a primeira nomeada assim, segue a mesma ideia (o mesmo sentido). Como se vê, o sentido é historicamente determinado. É da historicidade do sentido que estamos falando e não do conteúdo que ela expressa.

A resistência sempre diz respeito ao resistir a uma ideologia dominante, ao *status quo* estabelecido, no caso da sexualidade e questões de gênero, como “normal e saudável”. Portanto, é preciso sempre pensá-la em movimento e que só pode significar no seu dado contexto social e histórico. As estruturas não existem por mero acaso, existem formações que as tentam solidificar de tal forma em processos históricos e ideológicos.

Desta forma, ao mesmo tempo que se refere ao espaço social da periferia, *quebrada* evoca os sentidos de estrutura e ruptura. De estrutura pois é preciso que exista algum tipo de estrutura⁷ para que a quebra, a ruptura aconteça. E de ruptura pela construção discursiva que permite que “quebrada” signifique dessa forma. Para esta análise, isso é um processo significativo e importante de ser tratado.

Além do processo híbrido (heterogêneo) citado acima, os sentidos que podem ser apreendidos pelo nome do grupo e música analisada são importantes para que se

⁷ Estruturas sociais históricas que têm o machismo e o patriarcado como algo muito solidificado na cultura ocidental.

entenda de onde se fala. A quebra e a ruptura nunca são pacíficas ou espontâneas, isto é, não surgem/brotam nos sujeitos⁸. *Quebrada* nomeando o grupo e a música atua no simbólico e no imaginário enquanto substancia os processos histórico-sociais de significação em um contexto de resistência.

Os movimentos de análise: Rap e Homofobia

O grupo é composto por 5 homens gays, os sujeitos são homens gays e falam da posição-sujeito homem gay. Isso é importante ressaltar, pois por serem homens têm “naturalizadamente”⁹ privilégios sociais que mulheres não têm e embora muitos deles sejam “revogados” ao assumirem-se como homossexuais, alguns privilégios ainda permanecem. Isso se dá pela existência de uma estrutura sociocultural que difere os sujeitos por gênero e produz efeitos sobre a construção subjetiva destes, o que leva homens e mulheres a ocupar posições muito diferentes nas relações sociais e que coloca alguns grupos como mais ou menos privilegiados. Além disso, outro aspecto se faz necessário ser ressaltado: são homens negros. E, novamente, é preciso compreender que isso também compõe outro lugar significativo. Reconhecer a posição-sujeito de homens, negros e gays se faz necessária.

É importante ainda considerar a formulação do sentido na textualidade do rap. Espaço muitas vezes lido como machista, patriarcal e sexista, mas que tem em seu cerne o objetivo de ser um espaço de manifestação e fala a pessoas oprimidas e marginalizadas pelo sistema e pela sociedade capitalista. Desse modo, não ficaremos na “expressão das ideias” ou na manifestação e fala voluntária a pessoas oprimidas e marginalizadas, mas queremos compreender o processo de constituição destes sentidos e seus efeitos no discurso do rap.

O videoclipe da música foi publicado no canal Rap Box em 04/06/2018 e consta em novembro¹⁰ de 2020 com mais de 3.970.000 visualizações, mais de 170 mil *likes*

⁸ Tal como a resistência, é relevante apontar que a opressão também não surge nos sujeitos. Ela é possibilitada para um grupo por meio da história e da ideologia dominante.

⁹ Como Simone de Beauvoir postula sobre o fazer-se mulher, concordamos com a premissa de que não se nasce coisa alguma, tudo é construído em algum aspecto. Dessa forma, homens não nascem naturalmente com seus privilégios concedidos pelo machismo e patriarcado institucionais na nossa sociedade. Ele é naturalizado a ver e a ser visto assim.

¹⁰ Todos os valores de *likes*, *deslikes* e visualizações foram atualizados pela última vez na última semana de novembro de 2020.

e 7,5 mil *deslikes*. A título de exemplo/comparação, o videoclipe “Froid part. Cynthia Luz – Bicho de 7 Cabeças/A Culpa é das Igrejas [Ep. 123] [Prod. Leo Casa1]”, o quarto vídeo mais visto do canal, possui pouco mais de 34.300.000 de visualizações, aproximadamente 9 vezes mais do que “Quebrada Queer”, possui um número semelhante de *deslikes*, 8 mil. Números por si só não significam nada e cabem a nós analisá-los. Considerando o contexto de que o Rap é ainda muito assimilado e visto socialmente como um produto de homens heterossexuais e feito para homens heterossexuais, não é tão difícil compreender como um conteúdo LGBTQIA+ veiculado em um canal visto socialmente como um veiculador de Rap tenha má receptividade e reprovação pelo público comum do canal, refletido no número alto de *deslikes* presente no vídeo quando comparado a vídeos com níveis semelhantes de reprovação do público.

Segundo a plataforma de *streaming* de músicas *Spotify* a segunda música mais ouvida do grupo é “Pra Quem Duvidou”, desta vez o videoclipe foi veiculado ao canal do próprio grupo no YouTube. Consta com mais de 1.600.000 visualizações, 77 mil *likes* e 1 mil *deslikes*. A veiculação em outro canal fez muita diferença para o número de visualizações, este clipe tem aproximadamente 3 vezes menos visualizações, 2 vezes menos *likes* e 7 vezes menos *deslikes*.

Essas discrepâncias nos levaram a observar a caixa de comentários do vídeo veiculado no canal Rap Box no intuito de compreender tamanha diferença considerando outros vídeos publicados pelo canal. Observamos que muitos dos comentários são positivos, elogiando o trabalho e reforçando o papel importante de se haver representatividade LGBTQIA+ em diferentes espaços, especialmente nestes imaginariamente concebidos como indevidos ou incomuns. No entanto, alguns geram o engajamento de um número considerável de usuários da plataforma comentando acerca dos comentários do estilo “sou hétero e gostei do som”.

Num primeiro instante isso pode parecer uma forma de apoio de homens não LGBTQIA+ à música e ao trabalho de 5 homens gays. E não deixa de ser, evidentemente. Todavia, é preciso ressaltar que algumas leituras se fazem possíveis a partir de comentários como esses.

1. Denotam a masculinidade e heterossexualidade frágil de que é preciso ressaltar e deixar claro de que embora tenham “curtido” um conteúdo produzido

por homens gays eles não são gays. Existe uma necessidade expressiva de autoafirmação da sexualidade que já é interpretada e imposta socialmente como padrão, “normal”.

2. Reitera a ideia de público-alvo num pensamento de “você é o que você come”. Para consumir conteúdo produzido por homossexuais é preciso ser LGBTQIA+.

Ambas as situações reiteram/sustentam a homofobia e o machismo presentes na comunidade do Rap e na sociedade heterocisnormativa em geral.

Acerca do recorte, tratando o presente trabalho sobre Resistência, poderíamos analisar os versos da música em que o termo “resistir” e variações são utilizadas na letra da música, o que acontece em dois momentos. No entanto, entendemos que a compreensão discursiva sobre a resistência é maior e mais ampla do que simplesmente a citação do termo. A resistência, conforme o entendimento proposto por Orlandi (1998), Lagazzi (2020) e Pêcheux (1990), se dá por um processo discursivo na tensão, na falha entre discurso e sujeito e não necessariamente pelo dito explícito. Nesse contexto, portanto, a resistência diz respeito ao resistir a algo.

Pela análise do *corpus*, entende-se o quanto o discurso apresentado na letra da música se relaciona no limiar de tensão com discursos outros, que são fundamentalmente agressivos, homofóbicos e violentos. As sequências discursivas (SD) selecionadas como recorte para análise durante o texto forneceram a base para tal entendimento:

SD1) “As mona unidas pro combate e olha no que deu/ Se quer verso com massagem, pare de socar os meus”

SD2) “Subestimado desde meu primeiro verso/ Eles disfarçam bem, são tipo lobo em pele de cordeiro/ Mas tô atento, pro opressor eu não disperso/ Minhas rima inseticida, preconceito deles, formigueiro”.

SD3) “Alice Guél hitou mandando um Deus é travesti”

SD4) “Então bota pra fuder/Cê quer meter gostoso, mas se enruste atrás do altar/Não vem meter o louco”

O discurso analisado tem característica responsiva muito grande e por se tratar de uma “resposta”, apresenta características que podem ser lidas como “agressivas” e “violentas” são presentes na música, porém, adota um sentido oposto de ser anti-homofóbico.

Acerca do “caráter responsivo” Orlandi (2009), quando trata da relação de sentidos, aponta que “não há discurso que não se relacione com outros. [...] os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. [...] Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. (2009, p. 39). Ou seja, analisamos o discurso selecionado levando em consideração a relação de efeitos de sentidos que este possui com este “discurso anterior”.

Precisa ser avaliado, porém, que não se deve considerar como iguais a resposta “violenta” de uma minoria violentada, agredida e silenciada por séculos com a agressão inicial do grupo “dominante”. Em um primeiro momento as respostas podem até parecer igualmente violentas em relação às agressões iniciais, todavia, os sentidos que são observados são bastante diferentes. O opressor tem todo o sistema e a história de opressão “legitimando” e significando seu discurso, além do apoio de instituições, especialmente as religiosas quando se considera a LGBTfobia. Enquanto o grupo oprimido, sistematicamente silenciado no curso da história, não conta com a mesma legitimidade que o opressor, nem conta com a mesma repercussão pela mídia e outras instituições¹¹. O grupo parece ciente disso, dentro das possibilidades de consciência que um sujeito tem sobre seu discurso, ao dizer “As mona unidas pro combate e olha no que deu/ Se quer verso com massagem, pare de socar os meus”.

Compondo quase que numa tentativa de “justificar” a necessidade de tudo o que é dito na letra, num exercício do imaginário de “prever” como terá sua proposta recebida, o grupo sugere uma tentativa de controlar os sentidos e se coloca como sabedores de como a letra será recebida por ao menos uma parcela da população. Parcela essa que parece ser concebida pelo grupo como o mesmo grupo opressor LGBTfóbico que deslegitima a voz dos oprimidos. Tal mecanismo de “previsão” é relacionado com as formações imaginárias, sendo parte inerente dos discursos, é chamado por Orlandi (2009) de antecipação e:

todo sujeito tem a capacidade experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras

¹¹ Por isso se faz ainda mais necessário que as instituições de educação explorem e estudem essas relações, no intuito de compreender e legitimar os discursos resistentes como discursos válidos, significantes e potentes.

produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.” (2009, p. 39).

Acerca do recorte, selecionamos trechos que demonstram uma forte relação responsiva a ataques LGBTfóbicos, uma vez que nosso objetivo é analisar a relação entre homofobia e resistência. Faz-se, portanto, necessário recuperar o conceito de homofobia a fim de compreender do que falamos quando se trata de homofobia. Neste sentido, Borrillo (2009) afirma:

A homofobia é um fenômeno complexo e variado. Podemos entrevê-la em piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado; no entanto, ela pode revestir-se também de formas mais brutais, chegando inclusive à exterminação, como foi o caso na Alemanha nazista. Como toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela interpreta e tira conclusões materiais. [...]. Se seus atos sexuais e afetivos são tidos quase como crimes, então seu lugar natural, é na melhor das hipóteses, o ostracismo e, na pior, a pena capital, como ainda acontece em alguns países. (2009, p. 18).

Sendo um fenômeno complexo, muitas vezes não é tão simples identificá-lo. São inúmeras as violências e micro agressões que a população sofre diariamente que muitas questões são ignoradas. Adiante, o autor ainda subdivide o tema em dois aspectos, sendo eles:

[...] uma dimensão pessoal de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição aos homossexuais, e uma dimensão cultural de natureza cognitiva, na qual o objeto da rejeição não é o indivíduo homossexual, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Essa distinção permite melhor compreender uma situação bastante corriqueira nas sociedades modernas - a de tolerar ou até mesmo simpatizar com o grupo estigmatizado, considerando, no entanto, inaceitável qualquer política de igualdade que o beneficie (como, por exemplo, o direito ao casamento ou à adoção). (BORRILLO, 2009, p. 19).

Comumente, aspectos da homofobia passam despercebidos justamente como consequências desse segundo aspecto. Muitas vezes os sujeitos homofóbicos não demonstram aversão ou ódio pelos sujeitos. Esse fenômeno é perfeitamente exemplificado por ditos como “Eu não tenho nada contra gays, até tenho amigos que

são” e, normalmente, são complementados com frases como “eu só não acho que dois homens podem criar bem uma criança” ou “mas não precisava daquele beijo deles no final da novela”.

O silenciamento como forma de violência também é apontado na letra em “Subestimado desde meu primeiro verso/ Eles disfarçam bem, são tipo lobo em pele de cordeiro/ Mas tô atento, pro opressor eu não disperso/ Minhas rima inseticida, preconceito deles, formigueiro”. Os sentidos se relacionam ressaltando a tensão entre homofobia e resistência percebida aqui como o direito à resposta. Devido a séculos de perseguição, assassinato e silenciamentos, o mero direito a responder, mesmo que significando como resposta a fim de justificar sua existência, já é um ato revolucionário.

Considerando ainda a segunda dimensão apontada por Borrillo (2009), observa-se nela algo semelhante à tese da Igreja Católica ao “lidar” com o tema homossexualidade na contemporaneidade: amar o pecador e não o pecado. A igreja se coloca na posição de acolher os homossexuais, desde que estes rejeitem sua sexualidade e afetividade e que se apresentem a ela como “meio-sujeitos”, desprovidos de aspectos basilares de sua subjetividade. Como se a sexualidade e afetividade fossem desvinculáveis do corpo, podendo ser usadas e removidas quando bem entendessem os sujeitos. É importante falar de religião em um contexto de homofobia, homossexualidade e resistência, pois vários dos discursos homofóbicos são justificados e legitimados por religião, em contexto brasileiro, pelo cristianismo.

Mott (2020) aponta que homossexuais, sodomitas, à época, foram, desde os antigos judeus, perseguidos, mortos ou presos por serem culpados de um crime hediondo e que apenas em 1823, após o fim da Inquisição Portuguesa de 1821 que a sodomia deixou também de ser crime no Brasil.

Apesar de terem sido descriminalizados há quase dois séculos, gays, lésbicas e travestis continuam sendo tratados como criminosos: nas delegacias, nas batidas policiais, os LGBTI+ são sempre vistos e tratados como delinquentes. Mesmo quando vítimas, são tratados como réus (2020, p. 170).

Mott afirma ainda em seguida, fazendo referência à noção de que a sodomia era considerada como o mais sujo e desonesto pecado: “O amor entre dois homens

foi considerado pecado tão abominável que não deve sequer ser pronunciado: “nefando” ou “nefário” significa exatamente isso, impronunciável, o pecado cujo nome não se pode dizer.” (2020, p. 170-171).

Por tais razões, é necessário considerar o contexto religioso quando se trata de homofobia. O discurso em questão, analisado enquanto resposta, apresenta marcas desse contexto/dessa historicidade. Desde a provocação na segunda estrofe “Alice Guél hitou mandando um Deus é travesti” e apontando a hipocrisia e as incoerências da igreja já próximo ao fim da música em “Então bota pra fuder/Cê quer meter gostoso, mas se enruste atrás do altar/Não vem meter o louco”. É preciso apontar a responsabilidade da igreja em todo o processo de invisibilização e silenciamento, visto que sem esses processos históricos, ideológicos e sociais a letra da música em questão dificilmente teria um teor tão forte ou se faria tão necessária como forma de dar voz a um grupo oprimido.

Retomando as já tão comentadas noções de silêncio e silenciamento, faz-se necessário esclarecer o que se pretende quando se diz sobre o silêncio, valendo-se do postulado por Orlandi (1995):

O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação dos sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio(s). (1995, p. 105).

Quando nos referimos ao silenciamento da população LGBTQIA+ não nos referimos necessariamente a uma censura como a instituída pela ditadura militar brasileira, por exemplo, mas de um processo histórico-ideológico que interdita discursos próprios da comunidade se afirmando, uma vez que, conforme Orlandi (idem) a censura “[...] sempre se dá na relação do dizer e do não poder dizer, do dizer de “um” e do dizer do “outro”. É sempre na relação a um discurso outro [...] que um sujeito será ou não autorizado a dizer.” (1995, p. 108). Tal afirmação indica que não é necessária uma proibição formal firmada para censurar, para silenciar os sujeitos, mas que seu silenciamento está diretamente relacionado aos discursos outros que imperam. A autora ainda conclui que para dizer os discursos censurados, isto é,

silenciados, é preciso “construir um outro lugar para ser “ouvido”, para significar.” (ORLANDI, 1995, p. 108).

Apontamos aqui então o silenciamento como um processo de censura aos LGBTQIA+ que caracteriza por ser violento e lesar aspectos de sua subjetividade (entendida como a interpelação ideológica do indivíduo em sujeito) além de ser por meio dele que podemos observar as tensões entre o discurso homofóbico e o discurso de resistência. O discurso homofóbico promove o silenciamento num processo paradoxal que ao mesmo tempo em que procura limitar os sentidos, promove a possibilidade de sentidos outros.

Uma música que se propõe quebrar o silêncio, ou de significar nesse entrelugar a ela relegado, abrindo espaço dentro do rap, que por si só se constitui como um lugar com um pouco mais de visibilidade como espaço de resistência, permite a construção de sentidos tanto ao próprio rap, no que diz respeito à intolerância dentro do próprio movimento do rap, quanto ao sistema binário heteronormativo que regula as identidades e sexualidades e promove violência contra esses sujeitos.

Considerações finais

Quebrada Queer, a música e o grupo, se significam por meio de sua história e ideologia, produzindo sentidos contra as agressões e violências. Sua existência é justificada pela existência do outro opressor, suas falas são sempre de resposta, indo ao encontro de um discurso opressor anterior, justificando a todo momento que é necessário por haver discriminação, invisibilização e silenciamento contra a comunidade.

Discorrendo sobre o discurso revolucionário, Pêcheux (1990, p. 16) aponta que é um erro muito comum acreditar que os discursos revolucionários derivem de um “germe revolucionário” ou de discursos teóricos o que nos permite pensar que a resistência não é nem um processo orgânico, em que existe uma semente adormecida revolucionária que se ativa, cresce e frutifica e tampouco é um processo teórico no qual o sujeito se filia a uma teoria e resiste a partir daí. Existe o processo histórico que precisa ser levado em consideração na constituição do sujeito.

A resistência significada discursivamente pelo grupo não é por serem como sujeitos individuais indivíduos resistentes e sim por se individuarem enquanto sujeitos resistentes que se inscrevem numa formação discursiva que os permite significar em um contexto de resistência. Resistir não é um ato individual originado nos sujeitos, mas um processo histórico que só se significa dessa forma. Estarem inseridos no contexto do rap dá ao grupo uma nova camada de resistência, visto que o rap já é espaço de resistência consagrado. O discurso em forma de rap, porém, é só mais uma das formas de como o objeto proposto por eles pode ser dito, tendo significações próprias assim.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. (orgs). *Homofobia e Educação*. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.
- BOX, Rap. *Quebrada Queer - Guigo | Murillo Zyess | Harley | Lucas Boombest | Tchelo Gomez*. 2018. (6m). Disponível em: <https://youtu.be/FwktAmgku68>. Acesso em 07 abr. 2019.
- COLIMA, Leslie; CABEZAS, Diego. Análise do rap social como discurso de político de resistência. *Bakhtiniana Revista de Estudos do Discurso*. vol. 12, nº. 2, São Paulo, Mai/Ago 2017. p. 24-44.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao equívoco*. Tese (Doutorado) – IEL/UNICAMP, 1994.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. *Criação & Crítica*. São Paulo, n. 20, 2018.
- GUIA GAY BRASÍLIA. Cabeleireiro hétero sofre agressão de vizinhos homofóbicos. *Guia Gay Brasília*, 2020, disponível em: encurtador.com.br/crsS_. Acesso em: 05 out. 2020.
- HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, 13-38.
- LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy Maria. *A discussão do sujeito no movimento do discurso*. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/UNICAMP, 1998.
- LAGAZZI, Suzi. Resistência Simbólica. In: ENCIDIS UFF. *Resistência Simbólica – Suzy Lagazzi (UNICAMP)*. 2020. (4:20min). Disponível em: <https://youtu.be/l8xWY2wjiDO>. Acesso em: 22 out. 2020.

- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Fundamentos teóricos da análise do discurso: a questão da produção de sentidos. *Cadernos de Letras*. Niterói: O Instituto, v. 16, 1º semestre/1997. p. 33-46.
- MOTT, Luiz. Etno-história da Homotransfobia no Brasil. In: SOUZA, Humberto da Cunha Alves de e JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (orgs.). *Caminhos da pesquisa em diversidade sexual e de gênero: olhares in(ter)disciplinares*. Curitiba: IBDSEX, 2020. p. 169-181.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Ser diferente é ser diferente – a quem interessam as minorias? In: BARROS, Renata C. Bianchi de; CAVALARRI, Juliana Santana (orgs.). *Sociedade e Diversidade*. Trilogia Travessia da Diversidade – Vol. 2. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, 19, jul./dez. 1990. p. 7-24.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 1995.
- QUEBRADA QUEER. Quebrada Queer. 2018. Disponível em: encurtador.com.br/hBLQ3, acesso em 07 abr. 2019.
- SIMIONATO, Maurício. Homem confessa agressão a pai e filho por confundi-los com casal gay e é libertado. *Uol*, 2011. Disponível em: encurtador.com.br/deiB6. Acesso em 05 out. 2020.

Recebido em: 30/01/2021

Aceito em: 15/03/2021